LIVRARIA ACADÉMICA
J. Guedes da Silva
R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 25988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

3

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/consideraesc00mace

2053

CONSIDERAÇÕES CHRISTÃS E POLITICAS

SOBRE

A ENORMIDADE DOS LIBELLOS INFAMATORIOS.

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,
Presbytero Secular, e Prégador do P. R. N. S.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1811.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na Loja de Desiderio Marques Leão, no largo do Calhariz, N.º 12.

Abominatio hominum detractor.

O detractor Libellista he a abominação dos homens.

Prov. Cap. 24.

Bona in mala convertens insidiatur, et in electis imponit maculam.

Atraiçoa convertendo o bem em mal, e mancha a reputação dos homens de bem.

Eclesiast. Cap. 11.

Venite, percutiamus eum lingua.

Já que o não podemos atacar com a razão vamos ferilo com a lingoa.

Jerem. Cap. 18.

A Muitas, e mui graves imperfeições e defeitos está sujeita a humana natureza depois do peccado! O coração do homem he hum volcão donde rompem todos os vicios como lavaredas devastadoras, e na expressão das Escrituras do mesmo coração brotão como de raiz impestada todos os crimes: delle sahem os máos pensamentos, os furtos, os adulterios, os homicidios, as profanações, as vinganças, os odios, e as perseguições. Mas entre tantos, e tão espantosos monstros eu não conheço outro mais medonho funesto, e abominavel, que a sombria e refalçada calumnia, e tanto mais he execravel este vicio, quanto he mais occulto o braço que vibra o golpe, e mais escondida e ignorada a lingua que cospe o veneno. O mizeravel que recebe a ferida, injuriado, envergonhado, confundido diante de seus semelhantes existe na impossibilidade de re-

parar o mal, de retorquir as settas que nelle se embebem, porque ignora quem seja o contrario que o ataca, e a espada que em seu peito se embeba; em quanto o monstro refalçado, escondido nas trévas do anonymo goza do barbaro e ímpio deleite de ver enxovalhada a fama alheia, destruido o conceito, e anniquilada a reputação do mizeravel que não sabe donde lhe venha tão grande mal: por isto hum Calumniador Libellista, segundo o Oraculo do Espirito Santo, he o mais abominavel de todos os homens, he o mais, o mais cobarde assassino que esconde o punhal, esconde o braço, esconde o nome, e todo se envolve e encapota no manto da abjecção, do desprezo, e da abominação. Não tem, nem soffre o Mundo peste mais funesta e destruidora, he mais detestavel que o ladrão occulto, que rouba a fazenda alheia, esta fazenda póde reparar-se, e o mesmo ladrão póde achar alguma desculpa diante do Tribunal da Humanidade. Huma precisão urgentissima, huma familia lutando nos braços da penuria

e da fome, na impossibilidade de adquirir com o trabalho o necessario sustento, impellem furiosamente hum desgraçado para o roubo, e a imperiosa necessidade esquecendo se da Lei fecha os olhos, e expõe-se ao delicto e á pena, e muitas vezes já leva no coração esta pena no vivo e penetrante remorso que o despedaça. Não he assim o Libellista infamatorio; só he impellido de hum capital de malicia e perversidade, que iguala a hum Tigre, que envolto na sombra da noite, e entre os bastos ramos de hum mato espesso, aguarda a preza, e muitas vezes sem fome, para se cevar despiedadamente em seu sangue. Não se encontra no Libellista infamatorio, e anonymo nem o motivo do interesse da gloria, porque escrevendo não he conhecido, e o pavor da justa severidade das Leis o conserva em hum tímido silencio sem se atrever a deixar cahir do infame rosto a mascara da calumnia. Compraz-se do mal só pelo mesmo mal: coisa estranha na ordem da Natureza, que sempre procura hum bem, ou real, ou apparente.

O malvado Libellista nem póde ter o desafogo de dizer em público aos outros malvados --- sou eu o que fiz o mal --- Mas escapará elle aò interior e incessante grito da consciencia? Evitará aquelle remorso que he inseparavel do crime? Fugirá acaso da vista de hum Deos vingador? Eu contemplo em hum Libellista anonymo a imagem de Caim. Só este primeiro assassino foi testemunha de seu delicto, e com tudo elle mesmo era o seu accuzador, o seu juiz, e o seu algoz, não se julgava seguro de si mesmo, em cada sombra que passava, em cada ramo que se dobrava, em cada folha que se movia nos bosques em que andava foragido, descobria hum vingador de seu fratrecidio: não existião ainda Leis, e o malvado temia-se de sua mesma consciencia, e pede a Deos hum sinal para o não matarem. Tal he o Libellista anonymo, descarregou o golpe sem nomear-se, escondeo-se, e a barbara alegria que sente do mal que fez a seu Irmão, he amargurada pela consciencia do crime e pelo incessante temor de ser descoberto.

Com estas idéas gereaes se póde conhecer a enormidade do delicto de hum Libello infamatorio indice, e prova de hum animo baixo, abjecto, abominavel. E que será este delicto se eu o contempio a respeito das Leis! Corro a vista pela Historia dos Póvos barbaros, e Idolatras, se nelles descubro hum systema de Legislação, vejo na mesma Legislação este enorme delicto vedado, e punido com penas severissimas. Os Romanos formárão judiciosamente hum corpo de Leis, ellas ainda subsistem, e o Codigo dos Romanos servio sempre de norma e regra fixa de Jurisprudencia a todos os Póvos civilizados. Este Codigo he exposto, interpretado, e explicado em as Universidades da Europa. Ainda ha hum Digesto, ainda ha huma Instituta, ainda se conserva tudo quanto Justiniano ajuntou, recopilou em o Direito Romano, e a este Povo não esqueceo em seu Codigo criminal o enorme delicto dos Libellos famosos; não ha só huma, porém muitas Leis sobre este infame, e detestavel crime, e ainda que

o Codigo do Direito Romano se ampliasse, ou reformasse entre as Nações cultas da Europa, as Leis contra os Libellos famosos sempre subsistírão, e só houve mudança em se augmentarem as penas e os castigos contra seus abominaveis authores, ladrões de tudo o que o homem tem mais precioso que he a sua fama, seu nome, a sua reputação. Mas eu devo considerar este atrocissimo delicto a respeito da Religião, a respeito dos Soberanos, a respeito da Sociedáde, e a respeito da Razão, e mostrarei que o Libellista infamador he hum péssimo Christão a respeito do Evangelho, he hum péssimo Vassallo a respeito dos Soberanos; he hum péssimo Cidadão a respeito da Sociedade; he hum varrido tollo a respeito da Razão.

Consideração 1.ª

Hum Libellista infamador he péssimo Christão.

O Antigo Testamento he huma ima-

gem, huma figura, e hum symbolo do Eterno e novo Testamento de Jesus Christo. Deos cheio de paternal misericordia perdoava ao seu Povo muitos delictos immediatamente commettidos contra elle, perdoou sua idolatria até naquelle mesmo instante em que lhe dava a Lei sobre o Sinay, mas não quiz perdoar o crime da detracção contra Moyses, e Arão: alguns ímpios no meio do Povo infamárão o Legislador, e o Supremo Sacerdote, contra elles derramavão o fel da calumnia, e o veneno dos Aspides corria de sua empestada lingoa: Deos os punio com huma espantosa severidade, para que o raio desfechado sobre a cabeça dos primeiros Libellistas assustasse, atemorisasse, e confundisse os outros. E porque usou Deos de tanto rigor de sua justiça? Porque este delicto de hum Libello infamatorio tem mais consequencias que os outros delictos, e os males que produz, e causa, são mais inseparaveis. Como obedeceria o Povo a Moises desacreditado e insultado? Que respeito se guardaria a hum Su-

premo Chefe aviltado aos olhos de huma Nação de quem era Conductor, Mestre, e Legislador? Erão suppostos os defeitos que se lhe atribuião, porém como a corrompida natureza humana he mais inclinada e propensa a acreditar o mal do que o bem, os mesmos suppostos e commenticios defeitos, que de Moises se publicavão, fazião diminuir a sua authoridade, e danavão a opinião tão firme, e solidamente estabelecida da sua virtude, sciencia, poder e trato familiar com Deos. Da mesma maneira os Libellos infamatorios prejudicavão a dignidade do Supremo Sacerdocio de Arão. Julgaria o Povo que não era hum digno interprete dos Oraculos do Senhor hum Ministro tão defeituoso, antes diria o mesmo Povo, que era hum Hypocrita, e hum Impostor. Tanta he a enormidade de hum Libello infamatorio. Ora, se eu o considero a respeito da Lei da Graça, he manifesto por si mesmo, que não ha hum crime mais opposto ao espirito do Evangelho, e quem o commette he indubitavelmente máo Christão.

A Lei Santissima de Jesus Christo funda-se sobre a Caridade, e sem esta virtude, diz S. Paulo, nenhuma outra virtude tem preço, e tem valia. *Si charitatem autem non habuero nihil mihi prodest.* São João não recommendava outra cousa aos seus Discipulos. *Fratres diligite alterutram.* Nada mais lhe devião, e elles que não acabavão de entrar no espirito da Lei, parece que se davão por importunados com estas tantas vezes repetida recommendação, e o Santo Apostolo como instruido das verdades eternas no mesmo peito de Jesus Christo lhes tornou, se isto fizerdes, isto vos basta para preencherdes toda a extensão, todos os deveres da Lei, porque a Lei de Jesus Christo he fundada sobre a Caridade, e amor do proximo. Ora não ha delicto que mais offenda a Caridade; porque, se pela grandeza do damno se deve medir a grandeza da offensa, não ha hum delicto que produza mais damnos que hum Libello infamatorio. Hum assassino he hum grande delicto, priva o homem do primei-

ro bem que he a existencia, mas acabou a consequencia do crime com a vida; foi o primeiro, e foi o ultimo golpe. Mas quantas vezes he assassinado hum homem em hum Libello infamatorio? Tantas vezes, quantas he lido; são tantos os assassinos quantos os Leitores. O Libellista até lhe assassina os motivos que tem para estimar a vida, que são o seu bom nome, e o conceito dos seus semilhantes; e quanto mais atroz é abominavel he este delicto, se o Libello for impresso? Vai-se perpetuando este assassino de geração em geração, e a posteridade, que já não existe em estado de se poder desenganar, nem de desmascarar o Calumniador, amaldiçoará sempre a memoria daquelle infeliz, e julgará verdade o que se lhe transmittio impresso, porque se lembrará que as Authoridades que houvessem existido, não permittírão a impressão de huma calumnia, de huma mentira, nem se poderá persuadir (pois para isso se lhe não transmittírão documentos) que o monstro Libellista mandára a hum Paiz estranho onde se

não entendia a sua lingua imprimir o desafogo da sua raiva, e o complemento da sua vingança. Tudo isto não poderá saber a posteridade, entre tanto o Libello existe, e vai existindo, porque sempre ha em muitos ímpios hum fundo sufficiente de malicia para o conservarem. Ora póde hum homem Christão commetter maior delicto? E quererá este homem que lhe chamem bom Christão? Sem Caridade não ha Christianismo. Hum Libello infamatorio he destruidor da Caridade: logo he contra o espirito do Evangelho: quem obra contra o espirito do Evangelho he máo Christão, logo hum Libellista infamador he hum máo Christão. Será isto boa Logica?

Manda o Evangelho a correcção fraterna; mas quanto he admiravel e digno de hum Deos este sublime preceito? Anima-se do espirito de Caridade, em quanto se busca pela reprehensão do vicio a emenda, e o aproveitamento do vicioso, e as circunstancias com que o nosso Divino Legislador quiz que se désse este passo de Cari-

dade, e amor fraternal, dão bem a conhecer a atrocidade e enormidade dos Libéllos infamatorios. Se teu Irmão te offender, e escandalizar com o seu delicto, ou falta, reprehende-o *entre ti, e elle só: inter te, et ipsum solum.* E compadece-se com este suavissimo procedimento o estrondo, e o escandalo de hum Libello infamatorio, e Libello impresso em Reino estranho? Esta mesma circunstancia o faz buscar, e dezejar ainda mais. Temos hum irresistivel pendor para tudo o que he vedado: hum papel desta natureza desafia a malignidade, empenhão-se os ímpios, os occiosos, os charlatães em o buscar, em o possuir, em o publicar, diminuindo desta maneira o conceito bom que o Público podia formar do mizeravel atacado, e aboccanhado. Ora esta infamia pública póde ser conforme ao espirito de moderação, e de brandura que admiramos no Evangelho, ainda quando nos recommenda a correcção fraterna? Esta infamia he destruidora do edificio da Caridade, he indigna do homem que recebeo o baptis-

mo, e no baptismo prometteo imitar, e seguir o Filho de Deos que absolve a mulher adultera, e que manda aos que a querião punir depois de haverem publicado seu crime, que o primeiro que se julgasse innocente a fira com a pedra. E á vista deste procedimento que se póde dizer de hum monstro, que, como se costuma dizer, a sangue frio infâma o seu semelhante com hum Libello impresso com que só não se escandaliza o que não he homem de bem; e até o mesmo incredulo toma auzo para mofar da Santidade, e Divindade da Religião, vendo a infracção pública de seu primeiro preceito que he a Caridade. Eis-aqui dirá elle, como os Christãos nos atacão e nos reprehendem, querem que os respeitemos, e acatemos, quando os vemos renunciar ao caracter de Christãos na mais abominavel de todas as acções, e detestada e punida até pelos mesmos Pagãos, e Idolatras que não escutárão a voz da Revolução. E que poderão dizer estes Libertinos do Seculo vendo que muitas vezes os Authores destes

Libellos infamatorios são Ecclesiasticos Regulares, que com huma malicia, maior que a malicia do Diabo, acceitão dinheiro para a composição destes mesmos Libellos sem terem recebido a minima offensa do mizeravel que atacão, que infamão para sempre, e cujas faltas perpetuão na memoria dos homens? Lancemos hum véo sobre estas turpitudes. Seja qual for o caracter do Libellista infamador, sempre he opposto ao Evangelho, sempre he indigno do nome Christão, sempre commette hum crime destruidor das bazes do Christianismo, que são firmadas sobre a Caridade, crime atrocissimo que Deos quiz visivelmente punir cobrindo de lepra a mesma Irmã de Moyses que murmurou em público de seu Irmão. O Infamador he hum monstro aos olhos da Religião, oppõe-se ao systema do Christianismo, e he hum máo Christão quem assim obra. E a tão grande precipicio póde conduzir o homem a demencia, o furor, o fernezim, e o fanatismo!

CONSIDERAÇÃO II.

Hum Libellista infamador he péssimo Vassallo.

HE da obrigação, e do caracter de hum Soberano conservar e defender seus Vassallos, conservar-lhes a fazenda, ou propriedade, e defendellos de seus inimigos; e tudo o que attentar contra a vida, contra a propriedade, contra a conservação dos mesmos Vassallos, he hum delicto atrocissimo sujeito a todo o rigor, e severidade das Leis; ainda mesmo que não haja Lei expressa, tudo o que for contrario aos principios da Justiça e equidade natural he hum verdadeiro delicto, e será máo Vassallo o que o commetter, porque destróe a harmonia e ordem pública; e se oppõe ao caracter, e ás intenções do Soberano. Estes principios são de huma verdade demonstrada, e reduzida á evidencia. Ora o maior bem de hum Vassallo he a sua fama e reputação, o roubo desta sacratissima propriedade he para elle mais prejudicial e funesto,

que o da mesma fazenda ; porque o homem reduzido a indigencia por falta de bens , se he honrado ainda possue hum thezouro no bom conceito , que delle fórmão os seus similhantes , e deste thesoiro sobre que não tem imperio nem jurisdição a fortuna he elle despojado pelo Libellista infamador. Se he máo Vassallo o que rouba , o que assassina , o que se rebela , o que perturba , o que conspira , he péssimo o Libellista , que ataca e destróe o mais apreciavel de todos os bens , que he a reputação. Seja qual for a fórma de governo que os homens adoptem , em as Repúblicas puras , nas Aristocracias , nas Oligarchias , nas Monarquias sempre os Libellistas forão julgados réos de Leza soberania , e authoridade , porque até nos governos mais defeituosos são vedados , e são punidos os Libellos famosos , e seus Authores julgados , e declarados máos subditos. E que péssimo e indigno será aquelle Vassallo , que contravier nesta materia a vontade declarada do Soberano ? He máo Vassallo todo aquelle que infringe voluntaria , e

deliberadamente a Lei do seu legitimo Rei, quando esta Lei he promulgada e sanccionada, e quando o Rei declara expressamente a sua vontade na mesma Lei.

Em Portugal pela Ordenação do mesmo Reino são prohibidos os Libellos infamatorios, e punidos com grande severidade os seus Authores como pessimos Vassallos, e como se esta fundamental Legislação estivesse em dezuso, o Senhor Rei D. José de feliz memoria quiz dar novo vigor a esta parte da Ordenação, e promulgou huma Lei contra os Authores dos Libellos famosos, que dá bem a conhecer a sua profunda sabedoria, e paternaes providencias sobre tudo o que podia contribuir para vantagem, e felicidade de seus Vassallos, eu vou transcrever esta mesma Lei como hum documento perenne dos progressos da civilização Portugueza até nos primeiros annos do reinado deste glorioso Monarca; e veremos se he máo Vassallo o que manda imprimir fóra do Reino, e publica atraiçoadamente Libellos famosos sem o

mais ligeiro motivo de offensa pessoal.

Lei contra a factura, ou publicação de Satyras ou Libellos famosos de 2 de Outubro de 1753.

D. José por graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Etiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que este meu Alvará de Lei virem, que por me ser presente, que sem embargo das penas com que pela Ordenação, e ainda por Direito commum devem ser castigados os que fazem, ou publicão Satyras, ou Libellos famosos, ou por qualquer modo concorrem para que elles se fação, ou publiquem, he em grande prejuizo da honra de meus Vassallos, muito frequente este delicto, pela difficuldade de se provar quaes forão os seus Authores, e mais pessoas, que concorrêrão para os ditos Libellos ou Satyras se fazerem e publi-

carem ; e tambem porque as pessoas offendidas tem muitas vezes por melhor dissimularem *a atrocissima injúria*, que pelo referido modo se lhes faz, ou vingarem-se illicita, ou occultamente; do que queixarem-se ás Justiças ; *e porque he da minha Real intenção que delicto tão atroz não continue mais; antes se extingua com o justo temor do castigo*, Hei por bem fazer este caso de Devassa.... etc. etc. etc. Dado em Lisboa a 2 de Outubro de 1753.

R E I.

Marquez Mordomo Mór.

Não póde ser mais clara a Lei, nem mais expressa e decedida a vontade do Soberano. Poderá ser bom Vassallo quem faz a outro Vassallo huma injúria, que a Lei chama *atrocissima*? Podera ser bom Vassallo quem commette hum delicto a quem o mesmo Soberano chama *atroz*? Neste caso existe o Libellista infamador, he péssimo Vassallo, porque insulta a Lei, he

péssimo Vassallo, porque contravém a vontade do Soberano. Se a este delicto do Libello famoso, absoluto, se ajuntar a muito agravante circunstancia de ser impresso fóra do Reino, e introduzido nelle furtiva e clandestinamente, não teremos outro delicto, que acabe de provar evidentissimamente a maldade, a perfidia, e a rebelião deste péssimo Vassallo? Similhante malvado he hum inimigo jurado das Leis, da Soberania, e authoridade dos Imperantes, he o mais abominavel dos homens, o mais imoral e perverso, e tudo isto se póde conhecer pela grandeza do castigo com que os Libellistas forão sempre punidos, e temos hum exemplo recente em o suavissimo governo do veneravel Pontifice Pio VI., que perdoando a hum tão grande malvado como foi o ignorante, e perverso José Balsamo, que se chamou, até em Lisboa, o Conde Cagliostro, Chefe de huma nova Maçonaria ridicula, e Ladrão mestre em todo o vasto ambito da Europa, não quiz perdoar a morte a hum Libellista famoso chamado Ni-

coló Franco, pois o mandou enforcar. Os deveres de Vassallo andão juntos e ligados aos deveres de Cidadão; e não póde ser bom Cidadão aquelle, que evidentissimamente se mostra péssimo Vassallo.

Consideração III.

Hum Libellista infamatorio he péssimo Cidadão.

A Vida civil do homem no seio da Sociedade estabelece-se, e forma-se pelos laços íntimos de huns homens com outros homens, nos mutuos soccorros, que se prestão huns aos outros, e tudo isto se firma nas bazes da confiança publica, a qual se adquire, e conserva pelo crédito, pela probidade, pela boa conducta; desta maneira vivem os homens tranquillos, fião-se huns dos outros, e continúa o commercio dulcissimo da vida social e civil; e todo o homem, que he conhecido por homem de bem, he conhecido por bom Cidadão; porém apenas hum homem se descobre

vicioso, todos delle se retirão, fogem, e se acautelão, perde os meios da sua subsistencia, porque perde o conceito publico, e faz mudar os outros de opinião a seu respeito, em fim, julga se hum individuo perdido, ninguem o attende, ninguem o soccorre, ninguem fórma com elle huma alliança, hum contracto, e existe abertamente em hum estado de morte civil. Hum monstro, que causa estes males ao seu similhante, he hum péssimo Cidadão, hum Libellista infamatorio causa estes e maiores males ao seu similhante no seio da Sociedade, logo hum Libellista he hum péssimo Cidadão.

Existe hum homem bem conceituado entre os outros, considerado do Povo, não desprezado, antes buscado dos grandes, applaudido na sua profissão, seja ella qual for, possue, e goza da opinião publica, e nella acha todos os soccorros, todos os meios para a sua subsistencia, em huma palavra, existe vantajosamente no conceito dos outros, que no meu modo de entender he o maior, e mais apreciavel de todos os

bens, e vive por isto contente e seguro na Sociedade. Arma-se hum perverso do veneno da calumnia, fórma hum Libello infamatorio, onde com sofismas, e cavillações mistura o falso e o duvidoso, revela faltas occultas, esquecidas, emendadas, e reparadas com o honesto comportamento de muitos e muitos annos, levanta atrocissimos aleives sem fundamento, sem próvas declara o *por ex.* Libertino sendo hum homem fortissimo defensor da Religião, seu interprete, e seu annunciador, publicando que falta aos deveres essenciaes do Christianismo, ás Leis, e mandamentos fundamentaes da Igreja, lança tudo isto em hum papel; e temendo o rigor das Leis do Reino, e sabedoria e integridade da Censura, manda a hum Reino estranho fazer publicas pela estampa estas enormidades, e torpezas, introduz furtiva, e clandestinadamente esta mesma impressão dentro deste Reino, espalha, vende, inculca o abominavel escrito, e destróe desta maneira a opinião, o bom nome daquelle infeliz contra quem escrevêra, to-

lhe-lhe os meios da sua subsistencia, torna-o aborrecivel, ao menos suspeito aos seus Concidadãos, porque muitos acreditão o que delle se publíca, em fim, constitue-se este homem no caminho da perdição Civil, Socjal, e Politica; e será bom Cidadão quem causa tantos damnos a outro Cidadão? Este occulto malvado sôbre quem vigia sem sessar a Justiça Divina, he o que tem o insolito desaforo, por ex de dizer a outro Cidadão --- Diga-me onde ouve Missa, onde se confessa? E quererá que lhe chamem Cidadão honrado, morigerado, honesto, amigo da ordem, em fim, homem de probidade? O Ladrão, o Incendiario, o assassino, não he tão perverso como hum Calumniador anonymo, nem he tão máo Cidadão. Oh excesso da perversidade humana! Destes animos assim corrompidos, destes abominaveis inimigos occultos procedem os males todos de que o Mundo moral está gravado. Ninguem está seguro. O Magistrado mais inteiro e incorrupto, o Governo mais illustrado e recto, o instituto mais santo e

pio, todas as classes dos Cidadãos mais honrados, estão sujeitos a este mal. Levanta a frente hum malvado, e esconde-a entre as sombras, dispara settas venenosas, e esconde a mão. Ataca, insulta a seu salvo, tudo quanto ha sagrado, e respeitavel para o homem, e ainda que não chegue a destruir de todo a fama, e a reputação alheia, deixa-a muito vacilante, e incerta. Encerrando a Sociedade tantas pestes, não tem outra mais devoradora. A garganta do Libellista he hum sepulcro aberto, *sepulcrum patens est guiur eorum*: tem o veneno dos aspides em seus lábios *venenum aspidem sub labiis eorum*: e serão bons Cidadãos humas féras assim designadas pela voz de Deos nas Santas Escrituras? Podem arrogar-se o titulo de bons Cidadãos, quem assim perturba a Sociedade? Quem assassina desta maneira Cidadãos honrados? Quem será peior Cidadão aquelle que imitando o genio de Feijoo deseja desterrar abusos, e destruir preoccupações vergonhosas com a recta intenção de conservar illesa a glo-

ria da sua Nação, ou aquelle que envolto no pó, e na insipiencia se constitue author de hum Libello infamatorio cheio de odiosas personalidades, abominavel pelo seu motivo, mais detestavel ainda pelo artificio com que se faz imprimir e circular? Julgue o homem de bem, o homem desapaixonado, o homem imparcial. A sua decisão será a mais justa; e com effeito qual he o homem honrado, que deixe de se enjoar, de se indignar, de se aborrecer quando lhe cahe na mão hum Libello infamatorio anonymo? Elle o arroja de si; e se naquelle instante se lhe apresentasse o seu Author, reputalo-hia bom Cidadão? Cheio de zelo pela justiça, e pela razão lhe chamaria traidor e cobarde, incapaz de accommetter a cara descoberta, constituilo-hia na classe daquelles sicarios, ou assassinos assalariados, que se escondem, e dissimulão para cravarem o punhal no peito de quem os não ultrajou, e fogem á vingança publica. Nunca hum destes vilissimos assassinos póde ser chamado hum homem de bem, e o

seu igual e similhante, hum Libellista infamador nunca poderá merecer outro titulo que não seja o de péssimo Cidadã; e no conceito do homem judicioso, será tido, e reputado por hum solemne mente-capto; por isso

Consideração. IV.

Hum Libellista infamador he hum chapado tollo.

NÃo ha coisa mais vulgar, e ás vezes não ha coisa mais conducente para o progresso das Sciencias e das Artes, que huma guerra Literaria. No florentissimo Seculo de Luiz XIV. se levantou a célebre questão da preferencia dos antigos, sobre os modernos, e, vice versa. De huma, e outra parte se disputou com calor, e força; e deste conflicto resultárão muitas vantagens para as Letras, porque de ambos os lados apparecêrão Analyzes comparativas dos Authores antigos e modernos; e nas balanças do bom gosto, e da crítica se pezou com imparcialidade

o merecimento de huns, e outros. Que bellissimas dissertações existem ainda sobre este Artigo só --- Homero ---? Que Commentarios, que exposições das passagens mais sublimes de Pindaro, e de Horacio! o inexoravel Boileau, e o modesto, e erudito Perrault escrevêrão prodigios que ainda existem, e espalhárão grandes luzes pela vasta esféra da humana Literatura. Mais proximo a nós houve hum tempo, em que na escravizada França por occasião da Traducção de Seneca o Filosofo feita por la Grange, e dilatadissima dissertação preliminar de Diderot se ateou, e accendeo huma famosa guerra Literaria. E que resultou? Apurou-se o conhecimento do verdadeiro mérito de Seneca como Filosofo, e como Escriptor, rectificou-se a judiciosa e rectissima decisão de Quintiliano, e concluio-se que Seneca devia com o proprio engenho, e com o juizo alheio, e que com os doces vicios de que abunda, foi o corruptor da pura eloquencia Romana; deo isto lugar a gravissimos tratados, e De La Harpe esmerou se em sua Analyze

por mostrar que o Author das Instituições Oratorias tinha julgado bem do merecimento de Seneca. Nem na primeira, nem na segunda questão houve Libellos infamatorios, e anonymos, Boileau não foi atacado com personalidades, não apparecêrão Satyras insultantes, porque ainda que em ambos os partidos havia a maior animosidade, não houve entre elles quem deixasse jámais de conhecer, que huma coisa era a Obra, outra coisa era o Author. Isto são dois objectos separados, diversos, e oppostos inteira, e diametralmente. Se para combater Boileau, que dava a preferencia aos antigos sobre os modernos, apparecesse hum homem, que sem tocar a questão fizesse hum Libello infamatorio contra este honrado Escriptor, em que lhe dissesse que era surdo, que era filho de hum Escrivão, que tinha hum Irmão Escrivão, e hum Sobrinho Escrivão, e mandasse imprimir isto em Hollanda para o publicar furtivamente em París, que chamarião a este homem? Tollo. Não haveria rapaz, nem mulherinha que lhe

não dissesse — oh mente cupto, combate a obra, e deixa o Author, com a geração, e com os defeitos do Author não se combatem, nem destroem as razões do Author. O Ministerio se o soubesse, obrigallo-hia á seguir a mesma sorte do desterrado Rousseau Poeta depois das infames coplas. Prosigamos na enumeração destes exemplos muito aptos para reduzir á evidencia a verdade que expendemos. Erasmo foi hum dos genios mais extraordinarios, que apparecêrão na Republica das Letras, e as suas maravilhosas composições são manifestos indices de seu vastissimo espirito. Seus trabalhos sobre a grande e perfeita Edição de S. Jeronymo bastarião para o imortalizar, e sem tratarmos destas obras de pulso, que occupárão por tantos annos as Typografias de Bazilea, basta que nos lembremos de suas producções ligeiras, e que parecião divertimentos de seu ocio Literario. Os Colloquios, os Adagios, o Elogio da loucura, o tornão hum prodigio do Seculo em que existio. Tão grande Campião Literario teve émulos,

e teve combates, impugnárão-se muitas das suas producções, e não tiverão fim as controversias Theologicas. Ora se no meio dos impugnadores de Erasmo, e refutadores de algumas producções suas apparecesse hum estouvado enthusiasta, que deixando os onze volumes de Folio que Erasmo escreveo, lhe dissesse em hum Libello infamatorio, que elle era filho natural de hum Medico, que enganou huma rapariga em Roterdão com promessa de casamento, que fôra Frade em Bruxelas, que fugíra do Convento, que fôra ter á Italia, que em Padua o quizerão apedrejar, cuidando que era empestado pelo grande escapulario branco que trazia; que escrevêra ao Secretario do Papa Julio II. Literato, e amigo dos Literatos, que lhe mandasse hum Breve de Secularização, que os Aldos lhe dérão de comer, quando lhe imprimião as Obras; que chamaria o Mundo a este Libellista? Tollo.

Leibnits foi outro genio, talvez o mais original, e o mais raro na Filosofia transcendental. Seus Systemas, suas

Hipothezas, são partos de hum engenho profundo. He o primeiro achador do cálculo differencial; ou simultaneo com o grande Neuton, escreveo immenso. Seis tomos de quarto, além dos de Folio das memorias para a Historia da caza de Brunsvick; impugnárão-se muitas das suas engenhosas hypothezes comó a das Mónadas, a da Armonia prestabelecida, etc. Se na multidão de seus impugnadores apparecesse hum que deixando intactas as Obras do Filosofo dissesse em hum Libello infamatorio, que nàda do que escreveo presta, porque elle era Herege Luterano, que tinha huma Irmã muito pobre, que mandava buscar o comer feito á huma casa de pasto, e que permanecia hum mez inteiro sentado em huma poltrona, que chamaria toda a Allemanha a este homem Libellista? Tollo.

Sem nos separarmos da Allemanha, podemos dizer que hum dos espiritos mais penetrantes, e filosoficos fora Moyses Mendelsonh, e com effeito faz esquecer tudo, quando se lem suas Cartas de Eufranor a Filemon sobre as

sensações moraes : os seus profundos Tratados sobre o Sublime, e Natural: sobre a evidencia dos principios metha-physicos, sobre a theoria das boas Artes; se para impugnar este sublime Escriptor, hum dos maiores ornamentos da Côrte de Berlim nos memoraveis dias de Federico II. se levantasse hum taréco Libellista, que sem atacar as Obras do Filosofo, dissesse em hum Libello infamatorio, que era Judeo de Nação, nascido em Saxonia, filho de outro Judeo pobrissimo, que era Mestre de meninos, que viera de dez annos para Berlim, onde chegou por indigencia a dormir na rua, e a lhe faltar o alimento, fazendo recados para ajuntar dinheiro para comprar hum Diccionario Latino, e huma Arte, que chamaria o Mundo a este Libellista? Tollo.

Se para impugnar o mais sublime dos Poetas todos, velhos, e novos, que he Clopstok dissesse hum Libellista que era hum Herege Sociniano, e que a Côrte de Dinamarca lhe deo huma pensão para comer, porque era po-

bre, com obrigação de compôr o immortal Poema a Messiada, que chamaria a Europa inteira desde os Dardalenos até á Trafaria a este atacante Libellista? Tollo.

Não são precisos mais exemplos para demonstrar huma verdade, que de sua mesma natureza salta aos olhos: he preciso hum grande fundo, ou capital de tolice para não conhecer que os defeitos pessoaes de qualquer Escriptor não influem nada no mérito, ou demérito da sua Obra, e que a conducta moral, e os talentos Literarios são coisas muito diversas, e que não ha entre ellas ponto algum de contacto. Quando apparecem Libellos infamatorios contra qualquer Author, dão a conhecer que o Libellista conhece a impossibilidade de responder e destruir. Mas ou conheça ou não conheça, em ambos os casos he tollo. Se conhece a impossibillidade de responder, e destruir as razões do seu adversario, he tollo em o infamar, porque a Obra vai ficando de pé, e elle com o labéo de mal dizente, e Libellista; se não

conhece a impossibilidade, tambem he tollo, porque cuida ter respondido cabalmente quando descompõe o Author, e revela seus defeitos e imperfeições.

Eis-aqui as razões que me occorrem sobre os Libellos infamatorios, em todos os casos, e debaixo de qualquer aspecto que se considerem, ficão sendo hum crime abominavel. A respeito da Religião, porque offendem a Caridade, que he a virtude central do Christianismo, he até huma injúria feita a Deos; porque publicando hum homem por máo dão a conhecer que penetrão o segredo da predestinação, e que sabem que aquelle homem que infamão não poderá emendar-se, e ser ainda justo, e salvar-se, e por isto hum Libellista he máo Christão. He máo Vassallo, porque infringe deliberadamente a Lei expressa do seu Soberano, que prohibe os Libellos famosos; he máo Cidadão, porque perturba a ordem e harmonia publica, e defrauda outro Cidadão do que tem mais precioso, e de mór valia, que he a sua boa fama, e reputação; he máo e péssi-

mo tollo, porque dá a conhecer que tem huma alma baixa e vil, que se desforra em dicterios quando não póde attacar com a razão. Isto he o que me parece, sobre este tão vedado crime, considerando-o theologica e politicamente: e tudo sugeito a decisão, e parecer de outro melhor juizo.

F I M.

h h G